

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Silvana Silva dos Santos

**AS MULHERES, O DIREITO À EDUCAÇÃO E A PANDEMIA DE COVID-19:
UMA ANÁLISE DOS DESAFIOS ENCONTRADOS PELAS ESTUDANTES DE
EDUCAÇÃO FÍSICA DA FEFD.**

Goiânia
2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): Silvana Silva dos Santos

Título do trabalho: As mulheres, o direito à educação e a pandemia de Covid-19: uma análise dos desafios encontrados pelas estudantes de Educação Física da FEFD

2.

Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [] NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(a)(s) autor(a)(es)(as) e ao(a) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Valleria Araujo de Oliveira Alarcon, Chefe**, em 15/02/2023, às 14:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Silvana Silva Dos Santos, Usuário Externo**, em 16/02/2023, às 08:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3514573** e o código CRC **3558705A**.

Silvana Silva dos Santos

**AS MULHERES, O DIREITO À EDUCAÇÃO E A PANDEMIA DE COVID-19:
UMA ANÁLISE DOS DESAFIOS ENCONTRADOS PELAS ESTUDANTES DE
EDUCAÇÃO FÍSICA DA FEFD.**

Monografia apresentada à Faculdade de Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás, como requisito para finalização do curso de Licenciatura em Educação Física.

Orientadora: Profa. Dra. Valleria Araujo de Oliveira Alarcon

Goiânia

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Silva dos Santos, Silvana
AS MULHERES, O DIREITO À EDUCAÇÃO E A PANDEMIA DE COVID-19: UMA ANÁLISE DOS DESAFIOS ENCONTRADOS PELAS ESTUDANTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA FEFD. [manuscrito] / Silvana Silva dos Santos. - 2023.
42 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Valleria Araujo de Oliveira Alarcon.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação Física e Dança (FEFD), Educação Física, Goiânia, 2023.
Bibliografia. Anexos. Apêndice.

1. Educação. 2. Educação Física. 3. Mulheres. 4. Ensino Remoto Emergencial. I. Araujo de Oliveira Alarcon, Valleria, orient. II. Título.

CDU 37



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Na data de **13/02/2023**, às **09 horas**, de forma **virtual**, por meio de **videoconferência via Google Meet**, iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado **“As mulheres, o direito à educação e a pandemia de Covid-19: uma análise dos desafios encontrados pelas estudantes de Educação Física da FEFD”**, de autoria de **Silvana Silva dos Santos**, do curso de **Educação Física - Licenciatura**, da Faculdade de Educação Física e Dança da UFG. Os trabalhos foram instalados pela **Profa. Dra. Valleria Araujo de Oliveira Alarcon - orientadora CEPAE/UFG** com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: **Profa. Dra. Aline da Silva Nicolino - UFG** e **Prof. Dr. Lênin Tomazett Garcia - FEFD/UFG**. Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição do(a) estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de **10,0 (dez)**, tendo sido o TCC considerado aprovado.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Valleria Araujo de Oliveira Alarcon, Chefe**, em 15/02/2023, às 14:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Lênin Tomazett Garcia, Coordenador de Curso**, em 16/02/2023, às 14:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Aline Da Silva Nicolino, Professor do Magistério Superior**, em 16/02/2023, às 18:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3514572** e o código CRC **83D0486B**.

Dedico este trabalho à minha querida e amada mãe, dona Socorro.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus e à Nossa Senhora por mais essa etapa concluída em minha vida. Agradeço a minha mãe, dona Socorro, mulher de fibra, que apesar de todas as dificuldades da vida, nunca se deixou vencer, que com muito esforço e amor criou três filhos/as, uma mulher que exala coragem e bondade. Ao meu irmão Gui, a minha irmã Mona, por estarem sempre ao meu lado, independente da distância. Ao meu companheiro, Weverton, por acreditar e sempre me incentivar. Agradeço também, de maneira especial, à Maria, uma mulher que me acolheu de braços abertos e que não mediu esforços para me ajudar a seguir nesse caminho da Universidade e na vida.

À Universidade Federal de Goiás e suas políticas de permanência. Aos/às professores/as da FEFD, aos/às colegas de turma, em especial minhas amigas, Tayuanne e Thays. À banca examinadora pela disposição em avaliar e contribuir. Sou grata à minha orientadora, Valleria, por aceitar e me conduzir com muita sabedoria e empatia na construção deste trabalho.

Agradeço aos/as discentes que responderam os questionários e participaram das entrevistas. À todas as pessoas que de alguma forma me ajudaram na formação, seja com um conselho, com palavras de incentivo, com acolhimento e empatia, e posso afirmar que foram muitas pessoas, obrigada de coração a todos e todas.

“Basta uma crise política, econômica ou religiosa para que os direitos das mulheres sejam questionados. Esses direitos não são permanentes. Há que manter-se vigilante durante toda a vida.”

Simone de Beauvoir

RESUMO

A pandemia de COVID-19, anunciada no dia 11 de março de 2020, mudou significativamente o jeito de viver das pessoas. Várias medidas de distanciamento social foram tomadas no intuito de diminuir a transmissão da doença, dentre elas, a suspensão das aulas presenciais, surgindo assim o Ensino Remoto Emergencial (ERE). Diversas foram as dificuldades com esse novo formato de ensino, sendo assim o objetivo deste trabalho foi conhecer o perfil das mulheres acadêmicas de Licenciatura em Educação Física da Faculdade de Educação Física e Dança (FEFD) da Universidade Federal de Goiás (UFG) e analisar as principais barreiras encontradas por elas durante o período de ERE e suas consequências. Trata-se de uma pesquisa de caráter descritivo, com abordagem qualitativa e quantitativa. Para a produção de informações utilizou-se de questionário, aplicado as/aos 20 discentes do curso de Educação Física, e entrevistas semiestruturadas, realizadas com 11 discentes, os quais foram aplicados de forma remota. Foi possível identificar, por meio desses instrumentos e pesquisas sobre o tema, que o ERE trouxe consigo muitos desafios, em especial para as mulheres que tiveram uma sobrecarga muito grande, pois além das dificuldades como conciliar trabalho com os estudos, distância dos/das professores/as e colegas, foi possível verificar, ainda, que as acadêmicas dedicam mais tempo aos trabalhos domésticos e demandam muito tempo cuidando de outras pessoas, em especial, as que são mães. O cuidado com as pessoas, filha/o e familiares, e o trabalho realizado dentro de casa são vistos como sendo de responsabilidade das mulheres, assim enquanto os estudantes 'ajudam' em algumas atividades domésticas, as estudantes se responsabilizam em executar e gerenciar.

Palavras-chave: Pandemia. Mulheres. Educação. Ensino Remoto Emergencial.

ABSTRACT

The COVID-19 pandemic, announced on March 11, 2020, has significantly changed people's way of life. Several social distancing measures were taken in order to reduce the transmission of the disease, among them, the suspension of face-to-face classes, thus emerging Emergency Remote Teaching (ERE). There were several difficulties with this new teaching format, so the objective of this work was to know the profile of the academic women of the Degree in Physical Education of the Faculty of Physical Education and Dance (FEFD) of the Federal University of Goiás (UFG) and to analyze the main barriers encountered by them during the ERE period and their consequences. This is a descriptive research, with a qualitative and quantitative approach. For the production of information, a questionnaire was used, applied to 20 students of the Physical Education course, and semi-structured interviews, carried out with 11 students, which were applied remotely. It was possible to identify, through these instruments and research on the subject, that the ERE brought with it many challenges, especially for women who had a very large overload, because in addition to difficulties such as reconciling work with studies, distance between teachers /as and colleagues, it was also possible to verify that the academics dedicate more time to housework and demand a lot of time taking care of other people, especially those who are mothers. Caring for people, children and family members, and the work done at home are seen as being women's responsibility, so while students 'help' with some domestic activities, students are responsible for carrying out and managing them.

Keywords: Pandemic. Women. Education. Emergency Remote Teaching.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

FIGURA 1 - Percentual de discentes, por gênero, que convivem com crianças e/ou idosos que demandam cuidados durante o dia.....21

GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - Atividades realizadas durante o Ensino Remoto Emergencial.....23

GRÁFICO 2 - Horas dedicadas às tarefas domésticas.....25

LISTA DE ABREVIATURAS

EF - Educação Física

ERE - Ensino Remoto Emergencial

FEFD - Faculdade de Educação Física e Dança

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

MEC - Ministério da Educação

MNDH - Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos

OMS - Organização Mundial de Saúde

ONDH - Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos

UFG - Universidade Federal de Goiás

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	14
2. SER MULHER ACADÊMICA EM TEMPOS DE PANDEMIA.....	17
2.1 Ser mulher.....	17
2.2 A educação das mulheres.....	19
2.3 A pandemia de COVID-19 e o impacto na vida das mulheres acadêmicas.....	21
3. OS PRINCIPAIS DESAFIOS E DIFICULDADES ENFRENTADOS PELAS MULHERES ESTUDANTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA FEFD.....	25
3.1 Relação entre estudo e trabalho.....	25
3.2 Ensino Remoto Emergencial e o fator de sobrecarga: trabalho doméstico e cuidado.....	27
3.3 Ser acadêmica e mãe no contexto do Ensino Remoto Emergencial.....	30
3.5 O Ensino Remoto Emergencial e sua influência na formação enquanto professor/professora.....	32
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS.....	36
APÊNDICE A - Questionário de pesquisa com os/as estudantes de Licenciatura em Educação Física da FEFD/UFG.....	39
APÊNDICE B - Roteiro de entrevista semiestruturada realizada com os/as estudantes de Licenciatura em Educação Física da FEFD/UFG.....	45

1. INTRODUÇÃO

O acesso à Educação pelas mulheres foi e continua sendo um processo de muitas lutas. Atualmente elas são maioria no ensino superior, no entanto é interessante observar em quais áreas essas mulheres se concentram e porque (RICOLDI *et al.*, 2016, p. 89):

A noção de Divisão Sexual do Trabalho orienta a compreensão sobre a concentração de mulheres em profissões ligadas ao cuidado, relações humanas e, de alguma forma, com o universo das emoções (reprodução) e de homens em áreas das exatas, ligadas ao raciocínio lógico, à produção econômica, extremamente competitivas.

Isso é um dos reflexos dos papéis de gênero, enquanto ao homem desde muito cedo é ensinado a ser competitivo, provedor e chefe de família, viril, produtivo, assertivo, à mulher é ensinada a ser cuidadosa, dócil, colaborativa e prestativa (SAFFIOTI, 2004). Esse lugar em que a mulher é colocada implica em uma sobrecarga, pois além das suas atividades trabalhistas, a elas ainda são imputadas às diferentes demandas e necessidades pessoais e do seu grupo familiar, gerando uma dupla ou tripla jornada de trabalho.

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018), em 2018, mostram que as mulheres que trabalhavam fora de casa (com empregos formais), trabalhavam cerca de 18,5 horas semanais realizando afazeres domésticos ou trabalhos de cuidado, enquanto os homens na mesma situação, realizavam apenas 10,3 horas semanais.

Por conta do contexto vivido pela pandemia de COVID-19, uma doença causada por um vírus altamente contagioso, que mudou o jeito de viver das pessoas, o Ministério da Educação (MEC), no intuito de diminuir os danos causados pela falta de atividades presenciais, autorizou a substituição de aulas presenciais por aulas que utilizem meios e tecnologias de informação e comunicação, é o chamado Ensino Remoto Emergencial (ERE). Todos e todas da comunidade escolar e acadêmica tiveram que se adaptar a essa nova realidade, sendo um grande desafio para os/as alunos/as, professores/as, gestores/as e famílias. Tendo que lidar com evasão, falta de equipamento e internet para terem acesso às aulas, dentre outros entraves.

A pandemia escancarou diversos problemas estruturais da nossa sociedade que enfrentamos há tempos, mas que se tornaram mais visíveis nesse período,

como a desigualdade social, racial e de gênero. Depois de dois anos com o ERE, surge a necessidade de investigação sobre os desafios e os efeitos desse longo período distante das salas de aulas, em especial as mulheres acadêmicas, no sentido de analisar quais foram as barreiras encontradas por elas ao longo desse período e as consequências, buscando conhecer e descrever as lacunas deixadas por esse momento de ensino não presencial.

Assim sendo, o objetivo deste trabalho foi conhecer o perfil das mulheres acadêmicas de Licenciatura em Educação Física da Faculdade de Educação Física e Dança (FEFD) da Universidade Federal de Goiás (UFG) e analisar as principais barreiras encontradas por elas durante o período de Ensino Remoto Emergencial e suas consequências. O interesse em realizar esta pesquisa veio da minha própria vivência enquanto acadêmica, uma mulher que deixou o interior do Maranhão, deixando a família e seu aconchego para buscar um caminho diferente, novo, um caminho que só a educação poderia proporcionar. E quando esse trajeto começa a ser desenhado, ele esbarra na pandemia, um período que parece que as 24 horas diárias não eram suficientes para fazer tudo que era necessário, estudar, trabalhar, estagiar, cuidar da casa, proteger-se da doença, tudo era muito intenso e com certeza muitas outras estudantes também tinham esse sentimento. Entendo, nesse sentido, que conhecer e estudar mais sobre o impacto da pandemia no processo de formação de futuras professoras é essencial para nomear vivências que foram impostas pela pandemia (ERE, isolamento social) e tentar compreender e minimizar os danos.

O tipo de pesquisa a ser adotado foi de caráter descritivo. De acordo com Gil (2002, p. 42) “as pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição de características de determinada população ou fenômeno ou estabelecimento de relações entre as variáveis”. A escolha do tipo de pesquisa, segue o objetivo do estudo, que adota uma abordagem quantitativa e qualitativa, visando levantar informações sobre o tema e dar tratamento estatístico, para analisar o cenário proposto, segundo diretrizes metodológicas adotadas por Gil (2008).

Para isso, as informações foram coletadas por meio de aplicação de questionário, por constituir “o meio mais rápido e barato de obtenção de informações” (GIL, 2002, p. 115), bem como entrevistas semiestruturadas. Ambos os instrumentos de coleta de informações, abordaram questões sobre gênero, raça, renda per capita, quantidade de horas disponíveis para estudar, se trabalhavam fora

de casa, se cuidavam das tarefas domésticas e de familiares, se sentiam sobrecarregados nesse período de ensino remoto, dentre outras questões pertinentes a esse assunto, buscando mapear um panorama da situação vivida.

Tanto o questionário, quanto as entrevistas foram aplicadas às mulheres e aos homens do curso de Licenciatura em Educação Física (EF) da UFG, a fim de realizar um comparativo entre as realidades de enfrentamento vividos no período de Ensino Remoto Emergencial(ERE). Uma característica importante, para a escolha das pessoas participantes, é que este estudo foi realizado somente com estudantes que entraram no curso antes da pandemia, ou seja, vivenciaram o ensino presencial, e no decorrer do curso, tiveram que lidar com as mudanças na forma de ensino.

O questionário foi produzido por meio da plataforma *Google Formulários*, enviado por e-mail e pelo *Whatsapp*. As entrevistas semi estruturadas também foram realizadas de forma remota, com seis estudantes mulheres e cinco estudantes homens.

Por fim, a exposição deste trabalho está organizada em dois capítulos, para além da Introdução e das Considerações Finais. O Capítulo 1, intitulado: Ser mulher acadêmica em tempos de pandemia, compreende a realização da revisão bibliográfica sobre a temática, sendo dividido em três subtítulos, o primeiro é: Ser mulher, o segundo: A educação das mulheres e o último é: A pandemia de COVID-19 e o impacto na vida das mulheres acadêmicas. O capítulo 2, com o título: Os principais desafios e dificuldades enfrentados pelas estudantes mulheres de Educação Física da FEFD, é o momento em que iniciamos a apresentação das informações produzidas na pesquisa, tendo como objetivo discuti-las e contextualizar com outros estudos.

2. SER MULHER ACADÊMICA EM TEMPOS DE PANDEMIA

2.1 Ser mulher

Para sustentar esta pesquisa, deve-se apresentar alguns conceitos básicos, começando pelo termo Sexo. Segundo Grossi (1998), quando falamos de sexo, referimo-nos apenas a dois: macho e fêmea, para sermos mais biológicos. O termo gênero, por sua vez, é uma categoria historicamente determinada que não apenas se constrói sobre a diferença, mas, sobretudo, uma categoria que serve para “dar sentido” a esta diferença, sendo uma categoria pensada para entender as relações sociais que envolvem homens e mulheres, relações historicamente determinadas e expressas pelos diferentes discursos sociais sobre a diferença sexual (SCOTT *apud* GROSSI, 1998). Gênero serve, portanto, para determinar tudo que é social, cultural e historicamente determinado, incluindo diversos componentes, como identidade, valores, prestígio, regras, normas, comportamentos, sentimentos, entre outros.

Segundo Beauvoir (1980, p. 9):

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam de feminino.

É a relação com o outro que vai definir o que é o outro, são as relações de poder que determinam o que é ser mulher, definindo assim suas características. Há, nesse sentido, a necessidade de desconstruir a figura universal e abstrata do ser Mulher. Isto é, um conjunto de imagens e representações que tentam produzir uma identidade para todas as mulheres, sem alcançar nenhuma delas em sua singularidade (CHAUI, 2016). Vale também ressaltar que a classe social, a raça, a sexualidade, a regionalidade, dentre outros, são fatores que distinguem o lugar onde as mulheres se encontram, indicando que umas são mais oprimidas que outras, porém todas reféns de uma cultura patriarcal¹.

É sobre essas clivagens simbólicas que se vai fundamentar a própria sociedade desigual, cuja desigualdade está baseada numa presumível diferença de naturezas, em que à mulher é atribuída qualidades negativas que impossibilita de

¹ O patriarcado é um caso específico das relações de gênero, onde estas são desiguais e hierárquicas. A ordem patriarcal de gênero admitiria então a dominação e exploração das mulheres pelos homens, configurando a opressão feminina (SAFFIOTI, 2004).

participar ativamente de forma igual, na sociedade onde vive (FOUCAULT apud NOGUEIRA, 2001).

O caminho a ser percorrido pelo homem e pela mulher, desde muitos séculos são distintos, como bem colocou Beauvoir (1980, p. 40):

Seja ambicioso, parvo ou tímido, é para um futuro aberto que o menino se atira; será marinheiro ou engenheiro, ficará no campo ou irá para a cidade, verá o mundo, tornar-se-á rico; sente-se livre em face de um futuro em que possibilidades imprevistas o aguardam. A menina será esposa, mãe, avó; tratará da casa, exatamente como fez sua mãe, cuidará dos filhos como foi cuidada.

Entre os diversos discursos que legitimam esses papéis, o discurso biológico foi amplamente utilizado para corroborar com a ideia de instintos naturais, colocando a mulher numa posição de submissão social e de cuidadora. E mesmo que a mulher não seja mãe, ela ainda é refém deste conjunto de códigos e valores, como observamos a seguir:

(...) ainda que uma mulher não tenha seus próprios filhos, ela é vista como naturalmente cuidadora (capaz de “maternar”), podendo e devendo empregar esse “dom” no cuidado de outras pessoas: dos pais, irmãos, sobrinhos, doentes da família, etc. Além disso, esse “cuidado” se desdobra em uma naturalização dos cuidados domésticos, cabendo a elas, também, em grande parte, até hoje, os serviços de casa. Uma mulher que não priorize o cuidado com os outros (filhos, marido, família), geralmente é julgada como egoísta, fálca e outros termos que, no uso, adquirem um caráter pejorativo (ZANELLO; PORTO, 2016, p.114).

E é neste sentido que este trabalho busca analisar como as relações são estabelecidas ainda hoje, especialmente no contexto da pandemia, pois com as pessoas passando mais tempo dentro de casa, as demandas de trabalho doméstico, cuidado com as pessoas ficaram mais intensas, ressaltando que historicamente essas foram/são atividades ligadas ao papel da mulher na sociedade, havendo assim a necessidade de conhecer mais a fundo sobre como as mulheres estudantes lidam com todas essas questões nos dias atuais.

Segundo Porto (2008), a divisão sexual do trabalho que norteia esse padrão de comportamento em nossa sociedade faz com que as atividades realizadas pelas mulheres na esfera doméstica sejam naturalizadas, tidas como parte essencial da natureza feminina. Isso determina que toda espécie de cuidado, requisitado por qualquer membro do grupo doméstico, seja dispensado pela mulher, embora muita

coisa tenha mudado a partir dos movimentos feministas, esse ainda é um comportamento bem presente.

2.2 A educação das mulheres

Os movimentos feministas foram e são essenciais para a conquista de vários direitos, pois a partir deles assuntos que antes diziam respeito a uma ordem privada invadem o espaço coletivo, tornando-se públicos, como o acesso à educação, direito ao voto, ao mercado de trabalho e a liberdade sexual. As mulheres vão aos poucos saindo do ambiente doméstico, possibilitando assim, por meio de muita luta maior participação política e social.

Na sociedade brasileira do século XIX, como em muitas outras pelo mundo, preconizava-se que a educação das mulheres deveria ser voltada para as prendas domésticas, com foco nos “bons princípios”, de acordo com o papel social dado à mulher, sendo ela o pilar de estruturação do lar (LOURO, 2001). A educação oferecida às mulheres, tinha objetivos diferentes, como descreve Almeida (1998, p. 19):

O trabalho intelectual não devia fatigá-las, nem se constituir um risco a uma constituição que se afirmava frágil e nervosa, o que poderia, certamente, debilitar seus descendentes. Na realidade, o fim último da educação era preparar a mulher para atuar no espaço doméstico e incumbir-se do cuidado com o marido e os filhos, não se cogitando que pudesse desempenhar uma profissão assalariada.

Isso se reflete até nos dias atuais, pois dados do Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 2015), indicam que as mulheres, mesmo sendo maioria nos cursos superiores, ainda estão em sua grande maioria em áreas relacionadas ao cuidado e assistência, enquanto os homens estão ligados a finanças, negócios e computação.

Outro fator importante a ser considerado, quando falamos de educação das mulheres é o aspecto social, como descreve Guacira Lopes Louro (2001):

Quando as mulheres passaram a frequentar escolas formais, esse processo não foi linear. Por um lado, as meninas das camadas sociais desfavorecidas tiveram sua inserção nas escolas dificultada, já que precisavam se envolver com as tarefas domésticas, com o trabalho agrícola e com os cuidados de demais membros da família. Por outro lado, para as meninas das classes burguesas, o ensino da leitura, da escrita e das noções básicas de matemática vinha acompanhado das aulas de piano e educação cristã, muitas vezes ministradas por professoras particulares ou em escolas religiosas (LOURO, 2001, p. 446).

A variável racial na temática de gênero é outro ponto importante e desprezá-la significa deixar de aprofundar a compreensão de fatores culturais racistas e preconceituosos, determinantes nas violações dos direitos humanos das mulheres no Brasil, que estão intimamente articulados com a visão segundo a qual há seres humanos menos humanos do que outros e, portanto, permitindo que não sejam tratados como detentores de direitos.

Como já se sabe, no Brasil, o acesso à educação superior ocorreu de maneira diferenciada entre homens e mulheres. Os estudos indicam que as mulheres começam a ingressar nas universidades tardiamente, somente a partir do final do século XIX, elas adquirem o direito de ingressar no ensino superior. E a pioneira formou-se em medicina, em 1887, na Faculdade de Medicina da Bahia (QUEIROZ, 2000).

Dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES, 2016), informam que atualmente no Brasil, as mulheres formam a maioria da/os estudantes dos cursos superiores, fato que deriva da maior escolarização delas de forma geral, considerando o fato delas somarem 52% das matrículas do ensino médio no ano de 2015. Apesar desses dados mostrarem o maior acesso das mulheres à Educação, isso ainda não se reflete, nas áreas de conhecimento por onde elas percorrem (geralmente ligadas ao cuidado e assistência), em cargos de emprego de maior prestígio e de melhor remuneração salarial, pois ainda há uma discrepância entre os salários dos homens e mulheres, mesmo que ocupem os mesmos cargos que eles (BARROS; MOURÃO, 2018).

Embora a mulher esteja cada vez mais atuante na vida pública, ainda há um longo caminho a ser percorrido em prol de igualdade. Dados do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD, 2015), revelam que a quantidade de horas que elas se dedicam às atividades domésticas é muito superior à masculina, mesmo quando ambos trabalham de forma remunerada. No Brasil, um homem ocupado dispensa 10 horas semanais nessas atividades, enquanto que a mulher, também ocupada, dispensa mais de 24 horas semanais de atividades domésticas. Há também o dado de que 91% das mulheres ocupadas realizam afazeres domésticos, enquanto o percentual de homens é de 53%.

Um estudo realizado por Marçal (2017), relata que as mulheres no mundo desenvolvido estão mais estressadas e sentem que têm menos tempo que os

homens. Isso não é específico de uma classe, nem de ocupação, é específico de um gênero e de suas relações que são construídas socialmente. A diferença racial é muito significativa nesse processo de exaustão, pois o tempo no trânsito, o tipo de transporte, as exigências do trabalho, o tempo de dedicação a ele, o estresse da violência e a remuneração impactam diretamente. Pois apesar da mulher ter entrado em diversos setores do mundo do trabalho, isso não garantiu mudanças significativas na função feminina no seio familiar.

2.3 A pandemia de COVID-19 e o impacto na vida das mulheres acadêmicas

No início de 2020 o mundo precisou mudar seu jeito de viver por conta da pandemia de COVID-19, uma doença infecciosa e altamente contagiosa, causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, que deixou milhares de mortos, no Brasil foram mais de 600 mil mortos (BRASIL, 2022). Em vista de diminuir a transmissão, a alternativa indicada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) era o distanciamento social (OPAS, 2020).

Com as medidas restritivas, diversos serviços considerados não essenciais foram temporariamente fechados, com o intuito de diminuir a transmissão da doença. Sendo assim, as famílias passaram a vivenciar mais horas de contato dentro do ambiente doméstico, pois as escolas, universidades e a maioria das empresas foram fechadas e suas atividades passaram a ser realizadas de casa.

Com essa situação diversos problemas da nossa sociedade se intensificaram ou pelo menos ficaram mais escancarados, como a desigualdade social, de gênero e racial, tornando dessa forma alguns grupos mais vulneráveis que outros, pensando para além das pessoas idosas, crianças, as grávidas, pessoas com doenças preexistentes como: diabetes, hipertensão, dentre outras.

A violência doméstica contra as mulheres já era um problema social antes da pandemia, porém agravou-se com o isolamento social. O Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MNDH), em parceria com a Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos (ONDH), declarou que em abril de 2020, o número de denúncias registradas pelo Ligue 180, aumentou 37,58%, quando comparadas com o mesmo período de 2019 (BRASIL, 2020).

A sobrecarga foi outra situação vivenciada pelas mulheres, pois com todos dentro de casa e o país passado por uma crise de saúde, assim como já foi

registrado em outras situações de crise, como os surtos de Ebola e também de Zika Vírus, as mulheres estiveram mais sobrecarregadas e expostas às doenças por estarem mais relacionadas a trabalhos mais ligados ao cuidado, seja de maneira formal na área de saúde e assistência ou informalmente no cuidado com o grupo familiar (WENHAM apud SILVA, 2020).

É o que também afirma esse outro estudo, produzido pela Organização das Nações Unidas:

As mulheres continuam sendo as mais afetadas pelo trabalho não-remunerado, principalmente em tempos de crise. Devido à saturação dos sistemas de saúde e ao fechamento das escolas, as tarefas de cuidado recaem principalmente sobre as mulheres, que, em geral, têm a responsabilidade de cuidar de familiares doentes, pessoas idosas e crianças. (ONU MULHERES, 2020, p.1)

Com o isolamento social e diversos serviços fechados, dentre eles os espaços configurados como rede de apoio, espaços que são fundamentais para que as mulheres, principalmente as mães, consigam realizar suas atividades laborais, acadêmicas, dentre outras demandas, a jornada de muitas mulheres que já era tripla, pode se tornar ainda mais intensa. Indo mais especificamente no caso das discentes que são mães, Silva (2018), discorre que elas precisam mobilizar maneiras que possibilitem sua permanência no ensino superior, contando com auxílio de familiares, vizinhos, creches, escolas, recursos que foram afetados por conta da pandemia.

Mesmo as mulheres que não são mães tiveram suas vidas sobrecarregadas, pois da forma como a família moderna se organizou, os cuidados com os membros da família, as demandas domésticas ainda recaem, em grande maioria, sobre elas, havendo assim uma naturalização da posição subalterna que a mulher ocupa na sociedade e na hierarquia da família tradicional, que leva a exaustão diante dos cuidados requisitados pelos membros da família (PORTO, 2008). E conciliar essas demandas com tudo que a pandemia trouxe, como: home office; ensino a distância; cuidados de si e de outras pessoas, em relação à doença; isolamento social, não foi uma tarefa fácil.

Assim, como em todo o país, onde as aulas presenciais foram suspensas, desde a educação infantil ao ensino superior, na Universidade Federal de Goiás (UFG) não foi diferente, as aulas presenciais foram suspensas, no caso da UFG foi no dia 15 de março de 2020. Em agosto do mesmo ano, o Conselho Universitário da

UFG (Consuni) aprovou a modalidade de ensino não presencial, o que foi denominado de Ensino Remoto Emergencial (ERE), sendo que o ensino é considerado remoto porque os/as professores/as e alunos/as estão impedidos por decreto de frequentarem instituições educacionais para evitar a disseminação do vírus. É emergencial porque do dia para noite o planejamento pedagógico, para o ano letivo de 2020, teve que ser engavetado (BEHAR, 2020).

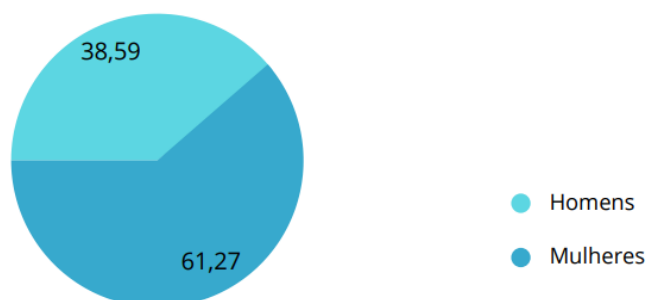
E junto com ERE veio diversas vulnerabilidades, seja não ter um ambiente domiciliar adequado para o acompanhamento das aulas remotas, seja na conciliação de trabalho e estudos, na manutenção de necessidades básicas, como: moradia, alimentação, aquisição de materiais didáticos, na preservação da saúde física e mental de cada um/uma, e ainda, para muitas pessoas as atribuições domésticas e de cuidado da família.

Em vista de tentar diminuir os impactos, a UFG disponibilizou de alguns programas, como o repasse financeiro emergencial para alimentação, inicialmente no valor de R\$250,00, reajustado posteriormente para R\$ 300,00, contemplando no primeiro semestre de 2020, 1.140 discentes, esse repasse tinha como público as pessoas que se enquadrassem em pelo menos uma das situações: recebesse Bolsa Moradia e não tivesse Bolsa Permanência MEC; Moradores das Casas de Estudantes Universitários, atendidos pela Bolsa CEU; Estudantes atendidos, em caráter provisório, como moradores das Casas de Estudantes Universitários da UFG; Estudantes atendida/os com a isenção das refeições tomadas nos Restaurantes Universitários e que tenham tido uma média de utilização igual ou superior a 20 grandes refeições (almoço/jantar) nos meses de setembro, outubro e novembro de 2019; Estudantes atendida/os pelo Programa Acolhe UFG de 2020; Estudantes atendida/os pelo Programa PRONERA UFG. Houve também a distribuição de chips para acesso a internet, empréstimos de materiais para acesso às aulas, como: notebooks, tablets e também recurso financeiro para a compra (UFG, 2020).

Um estudo realizado com discentes da UFG, com o intuito de aprofundar mais sobre o ERE e suas vulnerabilidades, indicou que a desigualdade de gênero e de classe no ERE foi acentuada. Um dado que indica bem isso foi sobre o percentual de discentes que disseram conviver com crianças e/ou idosos que demandam cuidados durante o dia, que no caso foi de 43,55%. Desse total, 61,15% são

mulheres, o que traduz a vulnerabilidade relacionada ao gênero (UFG, 2021), como pode ser visto na figura a seguir.

Figura 1. Percentual de discentes, por gênero, que convivem com crianças e/ou idosos que demandam cuidados durante o dia, Pesquisa ERE-UFG



Fonte: Observatório do Estado Social Brasileiro (2021), Analisa-UFG (UFG, 2021)

Corroborando com isso, Biroli (2018), afirma que essa é uma questão por muitos ignorada, que é a imposição social de que as mulheres, seja no papel de mãe ou filha possuem a obrigação de se tornarem cuidadoras de crianças e/ou familiares, colocando-as numa situação de esquecimento, tornando-se seres sem necessidades e que vivem para suprir as necessidades de outrem.

A subalternidade silenciosa que mulheres acadêmicas enfrentam em suas rotinas árduas reflete uma perspectiva apresentada por Spivak (2010) de que grupos subalternos são considerados menos humanos que seus opressores, portanto, “menos capazes de falar em seus próprios nomes”. Entendo, nos termos das autoras, que as mulheres se encontram, então, como sujeitas de um grupo social subalternizado por uma estrutura patriarcal que as condiciona a determinados comportamentos e papéis sociais.

Assim, este trabalho objetivou também, dar voz a essas mulheres, no sentido de possibilitar um espaço de fala, para que suas reivindicações e realidades sejam conhecidas, para que suas demandas sejam ouvidas. Para isso, busco mostrar como ERE influenciou na formação das estudantes de Educação Física de uma universidade pública de Goiás, no sentido de conhecer mais sobre elas e o mais importante, possibilitar espaços de voz e debate sobre suas realidades.

3. OS PRINCIPAIS DESAFIOS E DIFICULDADES ENFRENTADOS PELAS MULHERES ESTUDANTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA FEFD

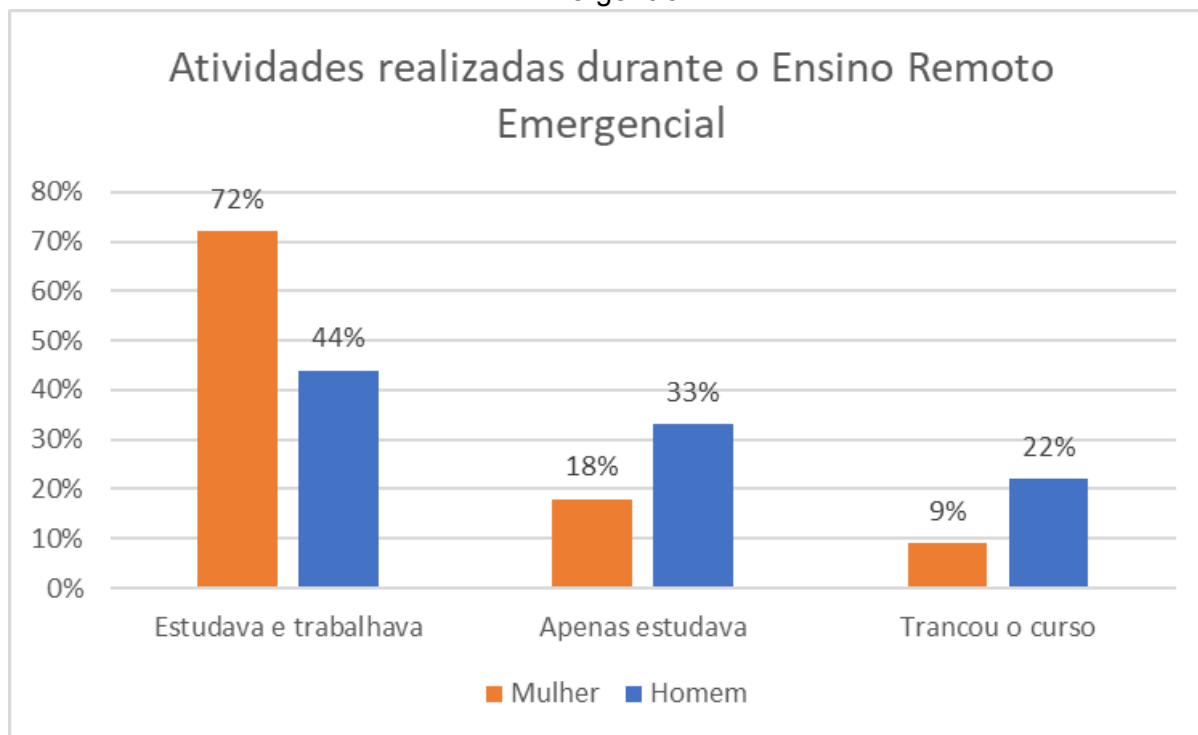
3.1 Relação entre estudo e trabalho

No intuito de fazer um comparativo das dificuldades encontradas entre discentes homens e mulheres do curso de Licenciatura em Educação Física da UFG no ERE, e analisar de forma mais profunda o tema, usamos dois materiais para coleta de informações, o questionário e a entrevista semiestruturada. O questionário contou com a participação de vinte pessoas, sendo onze mulheres e nove homens. A entrevista contou com a colaboração de onze pessoas, cinco homens e seis mulheres, sendo que três delas são mães.

A maioria das pessoas que responderam o questionário, se autodeclarou negra, representando 55% do total, em que metade delas (50%), ingressaram na UFG no ano de 2018. Em relação às pessoas que contribuíam financeiramente ou eram responsáveis pelo sustento da família, 54% das mulheres afirmaram contribuir ou ser as responsáveis, já entre os homens o percentual caiu para 44%.

A maior parte dos/as estudantes declarou que conciliava os estudos com o trabalho (60%). Analisando separadamente, entre as mulheres e os homens, 72% das mulheres estudavam e trabalhavam, 18% apenas estudavam e 9% das acadêmicas trancaram o curso. Em número, representa uma mãe, que disse que o principal fator que a fez trancar por um tempo os estudos foi o fato de as aulas serem remotas. Já entre os estudantes homens, 44% trabalhavam e estudavam, 33% apenas estudavam e 22% trancaram o curso. Em relação a motivação que os fizeram trancarem o curso está o fato das aulas serem remotas e por questões financeiras. A seguir apresento um gráfico, que mostra as atividades realizadas pela/os estudantes durante o ERE.

Gráfico 1: Atividades realizadas pela/os estudantes, durante o Ensino Remoto Emergencial



Fonte: Elaboração própria (2023)

Conciliar os estudos com o trabalho não foi e não é uma tarefa fácil, 72% das mulheres que participaram da pesquisa afirmaram que se sentiam sobrecarregadas, e o principal fator de sobrecarga era o trabalho, seja ele presencial ou *home office*. O distanciamento social, muitas vezes, estava presente tão somente em relação às aulas, que aconteciam de forma remota, mas a rotina de trabalho, segundo elas/es, não mudou e em alguns casos até se intensificou. Estudantes que trabalhavam em supermercados, entregadores/as de comida, dentre diversas outras áreas não pararam suas atividades.

A pesquisa Ensino Remoto Emergencial e vulnerabilidade discente na UFG (UFG, 2021, p. 22), afirma: "O fato é que os docentes, em distanciamento social, travaram contato, via aulas remotas, com um conjunto de discentes trabalhadora/es cujo distanciamento social foi, apenas, uma miragem". Diversos trechos das entrevistas corroboram com isso, como pode ser visto na entrevistada 1, ao dizer que: "*Geralmente eu acompanhava as aulas trabalhando*". Outra entrevistada (nº 2), afirmou: "*A maior parte do meu tempo era dedicada ao trabalho. Durante a pandemia, infelizmente, os estudos acabaram ficando em segundo plano*".

Acompanhar as aulas de casa, pelo computador, já era um desafio, pois manter a atenção e o foco no que está sendo ministrado pelo/a professor/a, por meio de uma tela exige bem mais disciplina, além disso, o ambiente doméstico já tem suas próprias demandas. E tudo fica ainda mais complicado, quando o acompanhamento da aula é realizado do trabalho, o aproveitamento fica extremamente comprometido. A Entrevistada 2, relata:

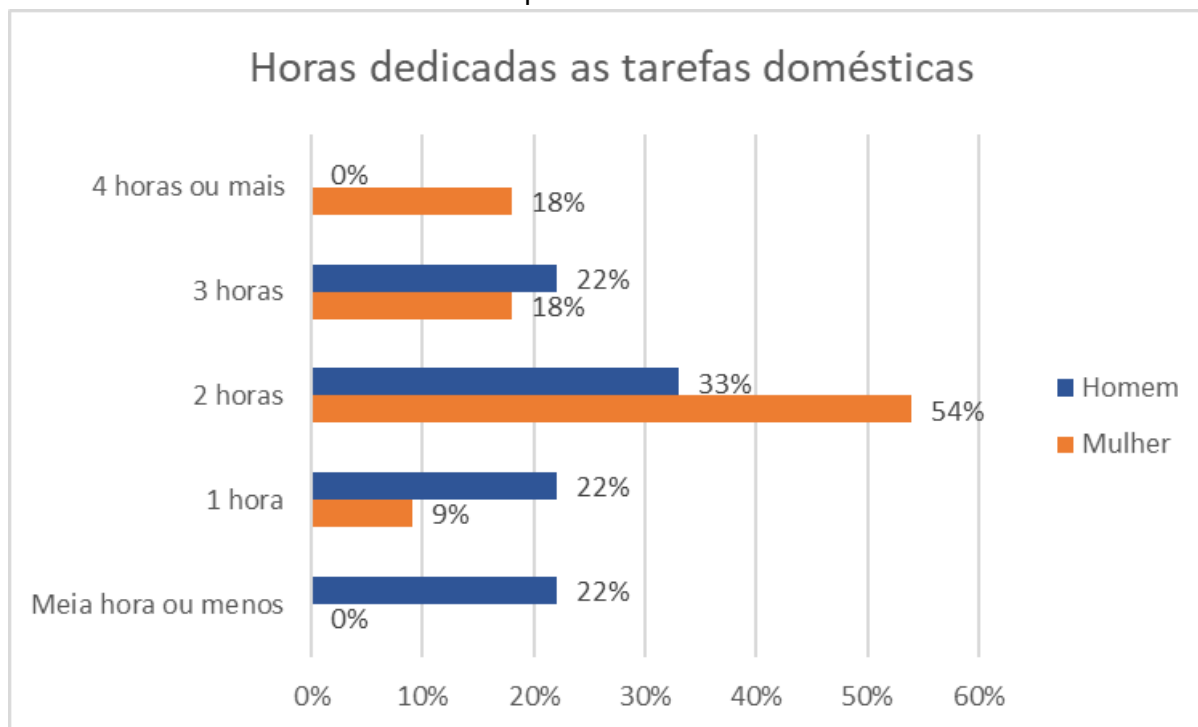
Poucas aulas eu consegui me dedicar totalmente. A maioria eu acabava fazendo alguma atividade doméstica e cheguei a dar aulas enquanto “ouvia” as aulas da graduação. Tive muita dificuldade de ficar sentada na frente do computador, apenas acompanhando as aulas, me distraía facilmente.

A maioria dos/das discentes afirmou no questionário que já assistiu às aulas realizando outras atividades (90%). Dentre as atividades descritas, estão: trabalho presencial ou *home office*, atividades domésticas, cuidado com outras pessoas (filhos/as, pais, avós), estágio.

3.2 Ensino Remoto Emergencial e o fator de sobrecarga: trabalho doméstico e cuidado

As atividades domésticas foram apontadas como um outro fator de sobrecarga durante o ERE, para ambos os sexos. Porém, quando comparamos a quantidade de horas que os homens e as mulheres se dedicam a essas atividades, há uma desigualdade grande. As estudantes de EF da FEFD declararam dedicar em média duas horas e meia diariamente aos afazeres domésticos durante o ERE, enquanto os estudantes relataram uma hora e meia diariamente.

Reafirmando o que já foi apontado por outros estudos, em que apesar da vida da mulher moderna ter passado por várias transformações e reconhecimento de direitos, ainda está presente na sociedade a ideia de que cabe a ela cuidar da casa e da família. O Relatório sobre o Desenvolvimento Mundial de Igualdade de Gênero e Desenvolvimento evidencia que as mulheres dedicam de uma a cinco vezes mais tempo que os homens nas tarefas domésticas; e na prestação de cuidados o tempo feminino é de duas a dez vezes superior ao masculino (OECD, 2012).

Gráfico 2: Horas dedicadas pela/os estudantes às tarefas domésticas

Fonte: Elaboração própria (2023)

É interessante observar que dentre as mulheres participantes, todas dedicam no mínimo a média de 1 hora às atividades de casa diariamente, enquanto 22% dos participantes homens se dedicaram em média, meia hora ou menos. Não houve percentual de homens que se dedicassem 4 horas ou mais, enquanto 18% das mulheres afirmaram sim, dispensar em média 4 horas ou mais as demandas domésticas. A seguir, apresento alguns relatos das estudantes entrevistadas, que nos dão mais noção sobre essa relação das acadêmicas com o trabalho doméstico:

(...) dedico o período da manhã, como moro com meus pais, divido as tarefas domésticas com minha mãe (Entrevistada 1).

Dedico quatro horas por dia em média para organização da casa. Algumas vezes tenho ajuda do esposo (Entrevista 4).

Cuidava das atividades domésticas a manhã inteira e a primeira parte da tarde, até umas 14h. Lavava a casa, as roupas, as louças, passava roupa, fazia comida, a compra da semana e cuidava do meu avô. No início estava sozinha, mas depois de uns meses passei a ter o apoio da minha prima (Entrevistada 3).

Eu dedicava muito do meu tempo para as atividades domésticas... (Entrevistada 5).

Com base nos relatos das entrevistas é possível perceber que as acadêmicas tinham uma rotina que dedicavam bastante tempo às atividades domésticas e no cuidado com a família. E a participação dos homens quando tinha, (pois a maioria dividia as tarefas com as mães ou outras mulheres), era caracterizado como "ajuda", quase que um favor à mulher.

As mesmas perguntas, sobre quanto tempo eles dispensavam para as atividades domésticas e como isso se dava, foram feitas aos acadêmicos homens, a fim de ter um comparativo, abaixo temos alguns trechos:

Ajudava em alguns momentos durante o dia (Entrevistado 5).

Aqui em casa, nós dividimos as tarefas, cada pessoa é responsável por alguma atividade, a minha atividade doméstica diária era lavar a louça do almoço, então, eu gastava cerca de 30 minutos para realizar tal atividade (Entrevistado 3).

O tempo exato por dia, não vou saber dizer, mas eu ajudava minha mãe com os afazeres domésticos, como lavar louça, lavar e manter a casa limpa, sem bagunças e colocar as roupas na máquina, depois estendendo elas (Entrevistado 1).

Dedicava por volta de umas 2 horas por dia, em outros momentos as demais pessoas da casa realizavam as atividades (Entrevistado 2).

O termo "ajuda" é frequente nos relatos deles, evidenciando o que já foi descrito anteriormente sobre a participação dos homens nos trabalhos domésticos. Um relato em especial chamou a atenção, o entrevistado 4, afirmou: "*Durante a pandemia dedicava cerca de 3 horas por dia para as tarefas domésticas (cozinhar, limpar casa e lavar roupas)*". Ele morava com o pai e foi o único estudante que declarou demandar mais tempo nessas atividades. Fica a pergunta, se morasse com a mãe, será que ele teria todas essas responsabilidades ou seria mais uma espécie de "ajuda"? O fato é que a responsabilidade com o cuidado, nas famílias brasileiras, tem sido historicamente assumida pelas mulheres, por diversas razões, como a divisão sexual do trabalho, pautada, segundo Danièle Kergoat (2009, p. 67), em dois princípios organizadores: "o princípio da separação (entre trabalhos de homem e trabalhos de mulher) e o princípio hierárquico (os trabalhos de homem são mais relevantes socialmente que os trabalhos de mulher)".

Segundo Porto (2008), a rotina árdua a que as mulheres são submetidas, faz com que elas dediquem menos tempo a si mesmas, ao descanso ou à busca de meios de lazer. Como podemos ver no relato da entrevistada 3:

Minha rotina se resumia a cuidar da casa do meu avô e dele, cuidar da minha casa e lidar com as demandas da faculdade. Não tinha muito tempo de lazer, era uma correria cuidar de duas casas e estudar. Mas depois de uns meses consegui ajuda de uma prima para conciliar comigo e cuidar da casa do meu avô e dele.

3.3 Ser acadêmica e mãe no contexto do Ensino Remoto Emergencial

Conciliar os estudos com a maternidade é uma tarefa que exige muito, com a pandemia e suas implicações, essas exigências se intensificaram, vivenciando jornadas contínuas, concomitantes, em que se confundem os limites e as diferenças entre tempos, demandas e espaços domésticos, resultando em rotinas altamente desgastantes.

Das onze discentes de EF que responderam ao questionário, uma é mãe (9%). Ela faz parte do percentual de pessoas que afirmaram que durante as aulas remotas, dividia a atenção dos estudos com outras demandas, no caso específico, era o cuidado com outras pessoas. Durante o ERE, ela precisou trancar a faculdade por um tempo, afirmando que o fato das aulas serem remotas foi o motivo de trancar. Já em relação às entrevistas, três participantes declararam ser mães.

A entrevistada 6, que é mãe, relatou um pouco da sua rotina durante o ERE:

Foi bem difícil, na época eu morava com meu ex-marido e minha filha. Nos dias de aula não tinha com quem deixar a criança. Por ser on-line, todo mundo acha que não tem que ficar prestando atenção, que eu não preciso deixar a minha filha com ninguém, que eu tenho a obrigação de fazer as coisas. A minha filha tinha 6 meses quando começou a pandemia, amamentava, não dormia bem a noite, amamentava durante a aula, fazia serviço de casa, cuidava dela, fazia almoço.

Para as discentes mães de filha/os pequena/os, além das dificuldades apresentadas, comuns as demais alunas, somou-se também a questão dos/as filhos/as exigirem atenção e cuidados constantes, podendo se transformar em um problema por não conseguirem separar no meio familiar um ambiente adequado para a aprendizagem e para os estudos (UFG, 2021). Outro fator complicador foi a falta da rede de apoio, visto que muitas mães contavam com a participação dos/as avós (especialmente as avós), creches, vizinhos/as, porém com as medidas restritivas para impedir a circulação do vírus, toda essa rede de apoio ficou comprometida. A presença dos pais nos cuidados com os/as filhos/as, não foi muito

mencionado por elas. Evidenciando que a sociedade ainda delega às mães o papel de cuidar dos/as filhos/as e aos pais o papel único de provedor da casa.

Quando o meu marido estava em casa, ele estava descansando, porque ele trabalha 24/72h. Ai só quando eu tinha uma coisa assim, que não tinha jeito mesmo de largar ou então tinha que abrir a câmera para apresentar trabalho, que alguém ficava para mim, fora isso eu estava sempre cuidando dela (Entrevistada 6).

Eu, geralmente estava com o bebê no colo durante as aulas ou fazendo comida (geralmente almoço). Com um bebê recém-nascido em casa, eu não conseguia dormir bem e sempre me sentia cansada e menos concentrada para estudar, ler, redigir textos (Entrevistada 5).

Ter tempo disponível para dedicar aos estudos era/é um grande empecilho para o bom aproveitamento dessas acadêmicas. A situação da estudante mãe torna essas mulheres um segmento social em desvantagem de permanência ou desempenho. Das três mães que foram entrevistadas, uma relatou reprovar em algumas disciplinas e outra trancou o curso. Dados do PNUD (2015), constata que as mulheres, em razão da parte que lhes cabe em excesso na prestação de cuidados, têm menos tempo do que os homens para desenvolver outras atividades, incluindo a educação e o trabalho remunerado, o que resulta também em menos tempo livre.

Acabou que nessa pandemia eu não consegui focar, não consegui concentrar. Reprovei em algumas matérias, era muito difícil para mim, eu não tinha tempo livre para estudar, pra me dedicar, porque tinha os serviços de casa, tinha que cuidar de criança, organizar as coisas, fazer comida (Entrevistada 6).

Essa realidade de sobrecarga foi apresentada por todas as mães entrevistadas na pesquisa, especialmente para duas que tinham criança pequena. A entrevistada 4, mãe de um adulto e um adolescente, ao relatar sua rotina, é possível identificar demandas diferenciadas, mas nem por isso deixam de ser dispendiosas. Contudo, todas elas afirmaram que durante o ERE, se sentiam cansadas, exaustas e sobrecarregadas, visto que a maioria dividia seu tempo entre cuidar da família, da casa, das demandas da faculdade e do trabalho remunerado.

3.4 As estudantes da FEFD e a violência doméstica

Com a pandemia e as pessoas passando mais tempo dentro de seus lares, dados demonstram que a violência contra as mulheres cresceu nesse período, devido à “proximidade e o contato ainda maior com parceiros íntimos que cotidianamente são os responsáveis pelos diversos tipos de violência” (ARAÚJO; SANTOS; BARROS, 2020). Assim, o ambiente que deveria ser de proteção, torna-se um lugar de violação de direitos.

Entre as estudantes de EF que responderam o questionário, duas, ou seja 18% do percentual total, afirmaram que sofreram algum tipo de violência, seja ela física, psicológica ou sexual, durante a pandemia. Essas duas mulheres tinham 23 anos, e entraram no curso em 2017 e 2018, ambas trabalhavam e estudavam, e afirmaram que sentiam-se sobrecarregadas, com as demandas do trabalho remunerado, trabalho doméstico e cuidado de outras pessoas.

Em relação a percepção sobre a compreensão dos conteúdos ministrados no curso durante o ensino remoto, uma das participantes que respondeu o questionário escreveu: *“apesar do empenho dos professores e professoras em suas aulas, o ensino remoto foi precário. Posso afirmar que a maioria dos alunos e alunas não tinham condições psicológicas, nem estruturais para um bom aproveitamento do ensino remoto. A outra participante afirmou que “a compreensão foi muito superficial, sem o aprofundamento necessário”.*

O formulário não contou com a coleta de endereço de e-mail, para que não fosse possível identificar as respondentes, com o intuito de manter o anonimato e dar mais liberdade e confiança para responderem. Vale salientar que todas as discentes que sofreram violência, afirmaram que procuraram ajuda.

Com esses dados obtidos, fica evidente mais uma vez que a mulher é um grupo social ainda vulnerável, fazendo-se necessária a organização dos serviços em rede, a efetivação das ações intersetoriais, com o intuito de reduzir os números de casos de violência contra a mulher.

3.5 O Ensino Remoto Emergencial e sua influência na formação enquanto professor/professora

Sem dúvidas o ERE impactou a vida de todos/as os/as estudantes, sendo que para algumas/ns, os desafios eram maiores, como é o caso das mulheres, em

especial as mães. E essas dificuldades enfrentadas deixam lacunas na formação desses/as futuros/as professores/as, conciliação entre trabalho e estudo (às vezes, no mesmo horário), cuidar de atividades domésticas e familiares, não poder estar em um ambiente adequado para estudo durante o período das aulas, a falta da interação com colegas e esse distanciamento dos/as professores/as, foram alguns dos percalços apontados/as pelos/as discentes nesse período de aulas remotas.

A grande maioria dos/das discentes que participou deste estudo, apontaram que se sentiram prejudicadas com o ERE, que a compreensão dos conteúdos não foi tão eficiente, que apesar do empenho de muitos/as professores/as, o ensino para muitos deles/as, foi classificado como raso e precário. Em suas palavras:

No ERE nós temos acesso ao professor por meio de vídeo chamadas, sem poder observar diretamente a rotina da escola. Assim sabemos mais o seu ponto de vista, o que ele acha e nos transmite. Assim, para uma boa formação de professores o ERE é insuficiente, pois houve um distanciamento do professor na formação do seu futuro ambiente de trabalho (Entrevistada 5).

Durante o ERE tive poucas oportunidades de interação com o campo pedagógico, no estágio por exemplo, o único contato que tivemos com os alunos foi no estágio IV, o nosso trabalho foi bastante limitado nos outros estágios, justamente por esse afastamento que o ERE causou, sendo assim, não pude contemplar de maneira integral as experiências e os conhecimentos que os estágios iam me proporcionar (Entrevistado 3).

A ausência do contato presencial com os/as professores/as, com o campo de estágio, com certeza deixa uma lacuna na vida desses/as estudantes, pois o estágio presencial proporciona uma gama de aprendizados e é um dos momentos mais importantes e aguardados na vida dos/das acadêmicos/as.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, foram várias as dificuldades enfrentadas durante o Ensino Remoto Emergencial, em especial para as discentes mulheres e mães. Pois vivemos numa sociedade, em que apesar da mulher ter garantido, não sem luta, alguns direitos, ela ainda é posta num lugar de submissão, destinando a elas papeis e deveres, simplesmente porque são mulheres.

Este estudo identificou e analisou as principais barreiras encontradas pelas mulheres acadêmicas de Licenciatura em Educação Física da Faculdade de Educação Física e Dança (FEFD) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Para isso, além de pesquisa bibliográfica sobre o tema, utilizou-se de aplicação de questionários e entrevistas semiestruturadas, aos/às estudantes em questão.

Foi possível observar que o ERE foi muito desafiante para todos/as, em especial para as mulheres, pois elas eram mais sobrecarregadas com as demandas domésticas, enquanto elas dedicavam em média duas horas e meia diariamente a essas atividades, os homens dedicam apenas uma hora e meia. O cuidado com outras pessoas também foi um fator de sobrecarga, principalmente para as acadêmicas mães, que relataram rotinas de cansaço e exaustão, em que os estudos eram sufocados pelas demandas de ser mãe, pois a nossa sociedade ainda delega que todo e qualquer tipo de cuidado é de responsabilidade da mãe.

Conciliar os estudos com o trabalho remunerado, foi outra barreira apontada na pesquisa. A maioria das mulheres trabalhavam e estudavam durante o ERE (72%), em relação aos homens esse percentual cai para 44%. Nem sempre havia essa separação de horários, pois há relatos sobre trabalhar enquanto “ouviam” as aulas.

As mulheres também ficaram mais suscetíveis a violência doméstica, 18% das mulheres que responderam o questionário revelaram que foram vítimas de violência, seja ela física, psicológica ou sexual.

Além das dificuldades próprias desse formato de ensino, onde não há o contato presencial com os/as professores/as e com os/as colegas, em que a interação por meio da tela é extremamente comprometida, muitas vezes não tem um local adequado para acompanhar as aulas, ainda há o medo de morrer e a dor da perda de pessoas por conta da doença. Soma-se a esses elementos, as dificuldades econômicas e ter que contribuir nas despesas familiares. Todos esses fatores, são

agravados às estudantes, que estavam mais suscetíveis a uma sobrecarga de trabalho, cobrança e vulnerabilidades pelo fato de serem mulheres.

As mulheres, em sua maioria eram sobrecarregadas com as demandas de trabalho, atividades domésticas, cuidado com outras pessoas (não somente as mães). Algumas, ainda sofreram violência. Esse é o retrato das discentes da FEFD, e com certeza todos esses fatores influenciaram na formação enquanto professoras, cabendo à universidade, a coordenação do curso, a toda a comunidade em si, buscar meios de preencher essas lacunas deixadas pelo ERE.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jane Soares. **Mulher e educação: paixão pelo possível**. 1ª Ed. São Paulo: UNESP, 1998.

ARAÚJO, Elita Isabella Moraes Dorvillé de; SANTOS, Mariana Cândido dos; BARROS, Mayara Alessandra dos Santos. **Mulheres, racismo e pandemia: perspectivas sobre direitos humanos em um contexto de crise**. Associação Brasileira dos Advogados Criminalistas, 2020. Disponível em: Disponível em: <https://web.abracrim.adv.br/mulheres-racismo-e-pandemia-perspectivas-sobre-direitos-humanos-em-um-contexto-de-crise/> . Acesso em: 10 dez. 2022.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **ABNT NBR 10520**: informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **ABNT NBR 6023**: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro: ABNT, 2018.

BARROS, Suzane Carvalho da Vitória; MOURÃO, Luciana. **Panorama da participação feminina na educação superior, no mercado de trabalho e na sociedade**. Psicologia & Sociedade, 30, e174090, 2018.

BEHAR, Patrícia Alejandra. **O Ensino Remoto Emergencial e a Educação a Distância**. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/artigo-o-ensino-remoto-emergencial-e-a-educacao-a-distancia/>. Acesso em 10 jul. 2022.

BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades**. São Paulo, Boitempo, 2018.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Síntese de casos, óbitos, incidência e mortalidade no Brasil**. Brasília, 2022. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 29 de nov. 2022

Brasil. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. **Denúncias registradas pelo Ligue 180 aumentam nos quatro primeiros meses de 2020**. Brasília: ODNH, MMFDH; 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2020-2/maio/denuncias-registradas-pelo-ligue-180-aumentam-nos-quatro-primeiros-meses-de-2020>

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. (2016). GEOCAPES Dados Estatísticos. Recuperado de <http://geocapes.capes.gov.br/geocapes2/>

CHAUÍ, Marilena. **Marilena Chauí: Como surgiu a “mulher freudiana”?** Blog Boitempo, 2016. Disponível em: [Marilena Chauí: Como surgiu a “mulher freudiana”? – Blog da Boitempo](#). Acesso em 9 set. 2022.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GROSSI, Miriam Pillar. **Identidade de Gênero e Sexualidade**. Coleção Antropologia em Primeira Mão. PPGAS/UFSC, 1998.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP (2015). **Censo da Educação Superior 2014** – Notas Estatísticas. Recuperado de http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2015/notas_sobre_o_censo_da_educacao_superior_2014.pdf

LOURO, Guacira Lopes. **Mulheres na sala de aula**. In M. Del Priore (Org.), História das mulheres no Brasil (pp. 443-481). São Paulo: Contexto/UNESP, 2001.

MACÊDO, Shirley. Ser mulher trabalhadora e mãe no contexto da pandemia de COVID-19: tecendo sentidos. **Revista Nufen**, Belém, v.12, n.2, p. 184 - 204, mai./ago. 2020.

MARÇAL, Katrine. **O lado invisível da economia: uma visão feminista**. São Paulo: Alaúde Editorial, 2017.

NOGUEIRA, Conceição. **Um novo olhar sobre as relações sociais de gênero: feminismo e perspectivas críticas na psicologia social**. Teses de doutorado, Braga, Universidade do Minho, 1996. Disponível em: [FPCEUP - Um novo olhar sobre as relações sociais de gênero: perspectiva crítica na psicologia social](#). Acesso em 11 out. 2022.

ONU MULHERES. **Gênero e Covid-19 na América Latina e no Caribe: dimensões de gênero na resposta**. ONU Mulheres, mar. 2020. Disponível em: http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2020/03/ONU-MULHERES-COVID19_LAC.pdf. Acesso em 10 jun. 2022.

Organização Pan-Americana da Saúde - OPAS. **Folha informativa – COVID-19 (doença causada pelo novo coronavírus)**. Atualizada em 6 de maio de 2020. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875. Acesso em 29 nov. 2022.

Organization for Economic Cooperation and Development – OECD. (2012). **Gender equality in education, employment and entrepreneurship: final report to the MCM**. Recuperado de <https://www.oecd.org/employment/50423364.pdf>. Acesso em 29 nov. 2022.

PORTO, Dora. Trabalho doméstico e emprego doméstico: atribuições de gênero marcadas pela desigualdade. **Revista Bioética**, 16(2), p. 287-303, 2008. Disponível em: http://revistabioetica.cfm.org.br/index.php/revista_bioetica/article/view/74/77. Acesso em 7 jul. 2022.

QUEIROZ, Delce Mascarenhas. **Mulheres no Ensino Superior no Brasil**. ANPED, 2000. Disponível em: <http://www.anped.org.br/biblioteca/item/mulheres-no-ensino-superior-no-brasil>. Acesso em: 22 jul. 2022.

RICOLDI, Arlene; ARTES, Amélia. **Mulheres no ensino superior brasileiro: espaço garantido e novos desafios.** Ex aequo, Lisboa, n. 33, p. 149-161, jun. 2016. Disponível em <[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext & pid=S0874-55602016000100011 & lng= pt \nrm=iso](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-55602016000100011&lng=pt\u0026nrm=iso)>. Acesso em 20 maio 2022.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SILVA, Juliana Marcia Santos. **Interseccionalidades e Maternidade na Universidade Federal da Bahia.** In: Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia, 16., 2018, Campina Grande. *Anais [...]* Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de História da Ciência, 2018. Disponível em: https://www.16snhct.sbhct.org.br/resources/anais/8/1533130798_ARQUIVO_artigo16_snhct.pdf. Acesso em: 30 out. 2022.

SPIVAK, Gayatri Chakravony. **Pode o subalterno falar?** Trad. Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. **Ensino Remoto Emergencial e vulnerabilidade discente na UFG.** Observatório do Estado Social Brasileiro (2021), Analisa-UFG (UFG, 2021). Disponível em: http://obsestadosocial.com.br/obs/wp-content/uploads/2022/01/Ebook__ERE_UFG_02.pdf. Acesso em 5 dez. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. **PORTARIA SEI Nº 9, DE 17 DE ABRIL DE 2020.** Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/93/o/SEI_UFG_09_-_1283635_-_PORTARIA_SEI.pdf. Acesso em 4 dez. 2022.

ZANELLO, Valeska; PORTO, Madge (Org.). **Aborto e (não) desejo de maternidade(s): questões para a psicologia.** Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2016.

APÊNDICE A - Questionário de pesquisa com os/as estudantes de Licenciatura em Educação Física da FEFD/UFG

17/01/2023 16:42

O direito à Educação e a pandemia de Covid-19: uma análise sobre os desafios encontrados pelas/os estudantes de Educa...

O direito à Educação e a pandemia de Covid-19: uma análise sobre os desafios encontrados pelas/os estudantes de Educação Física da FEFD/UFG.

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada "O DIREITO À EDUCAÇÃO E A PANDEMIA DE COVID-19: UMA ANÁLISE DOS DESAFIOS ENCONTRADOS PELAS/OS ESTUDANTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA FEFD/UFG."

O objetivo dessa pesquisa é analisar as principais barreiras encontradas pelas mulheres acadêmicas de Educação Física da FEFD durante o período de Ensino Remoto Emergencial e suas consequências, realizando um comparativo entre as principais barreiras encontradas pelas estudantes mulheres e estudantes homens.

Você levará em média 5 minutos para responder o questionário.

Contamos com a sua colaboração!

***Obrigatório**

1. Você concorda em responder o questionário? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

2. Como você se identifica: *

Marcar apenas uma oval.

Mulher

Homem

Outro: _____

3. Idade: *

4. Você se autodeclara como: *

Marcar apenas uma oval.

- Negro(a)
- Branco(a)
- Indígena(a)
- Amarelo(a)
- Outro: _____

5. Ano de ingresso na UFG: *

Marcar apenas uma oval.

- 2019
- 2018
- 2017
- 2016 ou antes

6. Durante o período de Ensino Remoto Emergencial, você: *

Marcar apenas uma oval.

- Trancou o curso.
- Estudava e trabalhava.
- Apenas estudava.

7. Você já recebeu ou ainda recebe alguma bolsa institucional da UFG? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

17/01/2023 16:42

O direito à Educação e a pandemia de Covid-19: uma análise sobre os desafios encontrados pelos/os estudantes de Educa...

8. Você é responsável ou contribui financeiramente para os sustento familiar: *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

9. Qual é a sua renda familiar? *

Marcar apenas uma oval.

Até 1 salário mínimo

De 1 a 2 salários mínimos

De 2 a 3 salários mínimos

De 3 a 4 salários mínimos

Mais de 4 salários mínimos

10. Você tem filho(s) e/ou filha(s)? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

11. Em algum momento da pandemia você ficou responsável pelos cuidados de alguém (pais, filhos/as, avós, familiares...): *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

12. Em algum momento do Ensino Remoto Emergencial, você pensou na possibilidade de trancar ou abandonar o curso? *

Marcar apenas uma oval.

- Não. Nunca pensei nessa possibilidade.
- Sim, já pensei. Mas não tranquei.
- Sim, já pensei. Tranquei a matrícula por um tempo.

13. Se sim, qual era o principal fator que fez você pensar ou trancar o curso:

Marcar apenas uma oval.

- O fato das aulas serem remotas.
- Não poder me dedicar integralmente aos estudos.
- Desmotivado/a.
- Por questões financeiras.
- Outro: _____

14. Quantas horas em média você tinha para se dedicar aos estudos (sem contar com os horários reservados para as aulas remotas)? *

Marcar apenas uma oval.

- Menos de 1 hora
- 2 horas
- 3 horas
- 4 horas ou mais

15. Durante o período de Ensino Remoto Emergencial, você já assistiu aula realizando outras atividades? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

17/01/2023 16:42

O direito à Educação e a pandemia de Covid-19: uma análise sobre os desafios encontrados pelas/os estudantes de Educa...

16. Se sim, quais eram essas outras atividades? *

Marque todas que se aplicam.

- Trabalho presencial ou homeoffice
- Atividades domésticas
- Cuidado com outras pessoas (filhos/as, pais, avós...)
- Estágio
- Não se aplica

17. Você se sentia sobrecarregado durante o Ensino Remoto? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

18. Se sim, qual era o principal fator de sobrecarga?

Marcar apenas uma oval.

- Trabalho presencial ou homeoffice
- Atividades domésticas
- Cuidado com outras pessoas (filhos/as, pais, avós...)
- Estágio
- Outro: _____

19. Durante o Ensino Remoto, quanto tempo em média você dedicava as atividades domésticas?

Marcar apenas uma oval.

- Meia hora ou menos
- 1 hora
- 2 horas
- 3 horas
- 4 horas ou mais

17/01/2023 16:42

O direito à Educação e a pandemia de Covid-19: uma análise sobre os desafios encontrados pelos/os estudantes de Educa...

20. Durante esse período você sofreu algum tipo de violência (física, psicológica, sexual)?

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

21. Caso tenha respondido sim, você procurou ajuda?

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

22. Você vai formar no ano regular? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

Talvez

23. Qual foi sua percepção sobre a compreensão dos conteúdos ministrados no curso durante o ensino remoto? *

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

APÊNDICE B - Roteiro de entrevista semiestruturada realizada com os/as estudantes de Licenciatura em Educação Física da FEFD/UFG

Roteiro da entrevista semiestruturada

1. Como você se identifica?
 Mulher
 Homem
 Outros
2. Qual sua idade?
3. Qual foi o ano que ingressou na UFG?
4. Quando iniciou o Ensino Remoto Emergencial (ERE) você teve dificuldade de acesso? Quais?
5. Como foi o processo de adaptação dos seus horários no ERE? Você destinava quanto tempo para os estudos? Comente.
6. Comente sobre suas relações trabalhistas. Você trabalhava antes da pandemia? Começou a trabalhar no período pandêmico, ou dedicava o seu tempo exclusivamente aos estudos?
7. Como era sua rotina durante o ERE?
8. Você mora com quem (família, amigos, sozinho...)?
9. Tem filhos/as? Se sim, quantos e como foi esse período de pandemia em relação a eles? Teve rede de apoio?
10. Você dedicava quanto tempo às atividades domésticas? Tinha apoio de alguém? Comente.
11. Você conseguia se organizar para que durante as aulas, dedicasse total atenção a mesma, ou geralmente tinha que dividir a atenção fazendo outras coisas? Comente.
12. Você se sentia sobrecarregado (a) com o ERE ou era mais fácil para administrar suas atividades?
13. Diga um ponto positivo e um negativo do ERE.
14. De que forma você acha que o ERE influenciou na sua formação enquanto professor/professora? Comente.